

# História e gênero nas ruas: representações do feminino nas nomeações de logradouros em Londrina – PR

## History and gender in the streets: female representations in appointments of thoroughfares in Londrina – PR

**Bruno Sanches Mariante da Silva**  
Doutorando em História  
Universidade Estadual Paulista  
[bruno\\_sanches1987@hotmail.com](mailto:bruno_sanches1987@hotmail.com)

Recebido em: 12/06/2015  
Aprovado em: 12/08/2015

**RESUMO:** No presente trabalho partimos do pressuposto que ao se nomear ruas e praças de uma cidade está se dotando de significação aquele elemento urbano, ao passo que, celebra-se, concomitantemente, aquele acontecimento ou personagem ali representado. Nosso objetivo é investigar os logradouros que foram batizados com nomes de mulheres. Dessa forma, almeja-se perceber o destaque obtido pelas mulheres no espaço público londrinense. Com isso se quer analisar quem são essas mulheres homenageadas, quais os papéis sociais que se imaginava para elas e, sobretudo, quais as representações de gênero que foram criadas e explicitadas no espaço urbano.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, Londrina, Representações.

**ABSTRACT:** In this paper we assume that naming streets and squares of a city is providing symbolic meaning to the urban element chosen, while we celebrate, concomitantly, that event or character represented there. Our goal is to investigate the thoroughfares that were named using women names, therefore, aims to realize the real space occupied by women in public space in Londrina. This way we intend to understand who these honored women are, and what social roles than previously thought for them and, above all, which gender representations that have been created and explicit in the urban space.  
**KEYWORDS:** Gender, Londrina, Representations.

As homenagens são rendidas para glorificar a memória daqueles que contribuíram para as sociedades, tanto em âmbito local como em nível nacional ou internacional. Para isso, tomando apenas o espaço urbano em perspectiva, são erguidos os monumentos e as ruas e praças são (re)nomeadas. Tais suportes da memória têm a função de conduzir a evocação da lembrança, consolidando a(s) memória(s) enquanto viva(s). Nesse sentido, queremos aqui analisar a construção de memória coletiva da cidade de Londrina por meio do batismo de seus logradouros. Especificamente, almejamos investigar as concepções sobre as mulheres e seus papéis sócias que

são expressas em suas biografias anexadas aos processos de nomeação de logradouros que tramitam junto à Câmara de Vereadores.

A memória pode ser definida como a capacidade de conservar certas informações, tanto biológica quanto digitalmente; seja individual ou coletivamente. Partimos do pressuposto da memória coletiva enquanto um constructo social, elaborado e reelaborado pelos poderes sociais conforme as mudanças e rearranjos na sociedade. Jacques Le Goff<sup>1</sup> adverte que tudo o que sobrevive é resultado de escolhas. Em algum dado momento decidiu-se que tal artefato, construção, documento ou informação era merecedor de uma salvaguarda e assim então perdurar para as gerações futuras. Assim o é também com os documentos escritos, que produzidos legam imagens de quem os produziu, o que lhes acarreta a permanência ou não, dependendo do acordo com a representação veiculada. A memória liga-se mais com o presente que com o passado, é com o presente que ela dialoga firmemente. Ao rememorarmos a história de nossos antepassados, por exemplo, o fazemos imbuídos do presente. Dessa maneira é comum que a memória – em seus diversos suportes – seja manipulada, isto é, lembramo-nos apenas de certos fragmentos e narramos unicamente determinados elementos.

A escrita biográfica divide opiniões de historiadores e críticos de literatura, pois é comumente tomada enquanto um gênero impuro, misturando verdade e ficção. Ou melhor, um pressuposto de verdade, na compreensão de François Dosse. Autor de obra sobre as relações de história e biografia, Dosse<sup>2</sup> argumenta que sempre está presente na escrita biográfica um pressuposto de verdade, tendo em vista que ao se propor uma biografia, e não um romance, está por se propor que fatos verídicos sobre tal pessoa serão apresentados, proclamando-se, deste modo, a verdade sobre o biografado. François Dosse argumenta que o gênero biográfico transita invariavelmente entre a vontade de uma verdade consistente e a narrativa ficcional, sendo para ele, portanto, uma “ficção verdadeira”<sup>3</sup>. A ambivalência do gênero reside na necessidade de comprovar os fatos apresentados no texto, revelando um aspecto científico e erudito da escrita, no entanto, traz consigo a narrativa literária, muitas vezes usada como recurso para entreter o público leitor.

A biografia entende-se, portanto, como construída e manipulada. Em face o silêncio dos documentos há a possibilidade de permanecer o silêncio ou o biógrafo vale-se da imaginação para preencher as lacunas. Não é em razão de tal aspecto construído que se preterirá o uso das biografias

---

<sup>1</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Imprensa Oficial: Casa da Moeda, 1984, p. 95.

<sup>2</sup> DOSSE, François. *El arte de la biografía: entre historia e ficción*, Ciudad de México: U. Iberoamericana, 2007, p. 16.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *El arte de la biografía*, p. 16.

pelos historiadores, pois os documentos que manejamos como fontes de pesquisas, também o são em certas medidas construídos e manipulados como disse Jacques Le Goff<sup>4</sup>.

Há uma conexão clara da biografia com a memória, mas não só no ato de recordar para escrever, mas sim na vontade de legar uma imagem, uma representação de si para as gerações futuras. Le Goff complementa “o documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”<sup>5</sup>. E “o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”<sup>6</sup>. Os monumentos, frutos de escolhas, legam uma imagem da sociedade a posteridade, ligando passado, presente e futuro, assim como as biografias que entre silêncios e ficções constroem e legam imagens dos biografados.

Mas não são somente os monumentos e documentos que se ligam ao poder de perpetuação da memória, também o fazem as biografias, que por sua vez também possuem um caráter construído. Uma preocupação que por vezes ocupa os biógrafos é defender seu personagem da finitude da existência, sobretudo, no que tange ao esquecimento, dando-lhes, portanto, a eternidade das letras. Mais uma vez biografia e memória se aproximam. É na luta contra o esquecimento que são erguidos os monumentos e os nomes são emprestados para o batismo de ruas. Destacando que a partir de 1981, na cidade de Londrina, fez-se obrigatório junto aos projetos de lei que visem nomear logradouros, o anexo de biografia ou currículo do homenageado ou da homenageada. Desse modo, os textos biográficos, que analisaremos em sequência, podem ser tomados como esforços da sociedade presente em legar certa imagem ao futuro de um passado idealizado, mas também, e sobretudo, um esforço daqueles que escreveram tais textos em fixar uma dada imagem do(a) homenageado(a).

Segundo nossa análise, esses textos biográficos são de dois tipos. Um deles é um texto livre, contando a vida dos homenageados, podendo ter sido escrito tanto pelo vereador que propôs o projeto de lei ou por um membro da família que enviou o texto para a proposta de nome de rua. Há, frequentemente, a dúvida quanto à autoria, pois nem sempre ela está expressa nesse tipo de biografia. O outro tipo de texto biográfico é o que vem formatado em um “formulário de proposta para nomenclatura de rua”. Tal formulário foi desenvolvido pelo arquivo da Câmara Municipal e

---

<sup>4</sup> LE GOFF. Documento/Monumento, p. 95.

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. Documento/Monumento, p. 95.

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. Documento/Monumento, p. 95.

contém campos destinados a serem preenchidos com os dados básicos dos homenageados e traz um campo maior para “dados biográficos”. Com esse formulário exige-se a entrega de cópias do atestado de óbito e da carteira de identidade ou registro de nascimento da pessoa que será homenageada. Ao contrário do outro tipo de texto biográfico, neste está sempre identificado quem é o autor, com o nome por extenso e assinado. Contudo, não nos é possível analisar a autoria dos textos, já que nem todos são assinados e quando o são não saberíamos informar precisamente qual o grau de parentesco (se o há) com o homenageado ou a homenageada.

De qualquer modo, entendemos que esses textos que constam no projeto de lei são frutos do esforço de filhos e filhas, netos e netas, maridos ou esposas em glorificar a memória de seus entes queridos; ou de vereadores tentando mostrar a significância e importância, e, portanto, o mérito dos homenageados em seus projetos. Há, contudo, uma implicação necessária a ser apontada. É preciso que haja não só vontade dos populares em homenagear seus entes queridos e/ou pessoas de destacado apreço na sociedade, mas também é mandatório haver uma articulação entre a família e o vereador, e que este se empenhe na ação, para que aquele nome seja utilizado em uma via ou uma praça, pois por mais meritória que seja a trajetória de vida de qualquer indivíduo, ele ou ela não ganha essa homenagem se não houver ação dos familiares e amigos e participação de um (a) vereador(a), o que está presente no exemplo que se segue, no qual o filho pede ao vereador que homenageie sua mãe:

Prezado Amigo e Vereador Jaci Aguiar,

Venho através desta solicitar ao amigo se possível uma homenagem a minha mãe falecida em Londrina em 1983 homenagem esta com o nome de uma rua ou outra coisa qualquer, tendo em vista que muitos logradouros, ruas, praças e até postos de saúde, tem nome de pessoas que aqui vieram a mais de cinquenta anos aprenderam a gostar desta cidade, quando Londrina não era nada, estava apenas começando, e minha mãe foi uma destas pessoas.<sup>7</sup>

Desse modo, queremos analisar as representações acerca do feminino e das mulheres presentes nesses textos. De que forma as mulheres que são homenageadas com nomes de ruas, avenidas e praças em Londrina foram registradas em seus textos biográficos? E assim, quais discursos sobre quais as formas do feminino e os papéis da mulher na sociedade londrinense são elaborados.

Essa análise constituir-se-á, majoritariamente, por elementos qualitativos extraídos do extenso arcabouço documental. Entretanto, por vezes, nos valeremos de gráficos, tabelas e números estatísticos a fim de corroborar ou apresentar maior precisão e riqueza de detalhes acerca

---

<sup>7</sup> Projeto de Lei nº 68/93 que originou a Lei Municipal nº 5.381/1993. Denomina Rua Alzira Postali Gewehr.

de posições assumidas. Assim, ressaltamos que na cidade de Londrina entre 1950 (quando foi promulgada a primeira lei sobre nomeação de ruas) até 2008 foram batizados 4.692 logradouros, dos quais 3.454 (73,6% do total) receberam nome de pessoas, tanto personalidades internacionais, nacionais ou locais (os 26,4% restante receberam nomes diversos entre nomes de países, estados brasileiros, flores, animais; e a grande sorte de nomenclaturas que compõe a toponímia de uma cidade). Desses 3.454 apenas 699 (20,23%) são nomes de mulheres, a grande maioria (485 – 69,3%) são mulheres locais, pertencentes à região de Londrina. Frente aos números, que já nos revelam uma menor representação das mulheres no espaço urbano, vamos analisar os perfis dessas mulheres homenageadas.

### **Perfis das mulheres biografadas**

Os textos biográficos, como já refletimos, são um conjunto de informações selecionadas a fim de elaborar uma dada imagem do(a) biografado(a). As narrativas que analisamos, em geral textos curtos, foram escritos, preponderantemente, por familiares dos homens e mulheres a serem homenageados(as). Esses textos são, mesmo que modestamente, elogiosos. Estão também manifestados os discursos sobre as mulheres e os papéis e posições sociais associados a elas. Desse modo estamos entendendo que os discursos (em qualquer forma ou manifestação) são representações dos imaginários no qual os autores estão inseridos.

*Mulher é assunto. Todos falam dela – como é, como deveria ser – e são muitas as representações que envolvem a figura feminina em todas as épocas. Dentre elas há as dominantes, tomadas como modelo e referência, identificáveis com maior clareza em cada período. Algumas persistem no tempo, enquanto outras envelhecem a ponto de provocar riso, estranhamento ou não serem sequer reconhecidas pelas novas gerações.<sup>8</sup>*

Tomando em conta que algumas representações sobre as figuras femininas se solidificaram com o tempo, e ao nos depararmos com o conjunto de biografias a serem analisadas percebemos que certos temas eram mais recorrentes nos textos. Alguns desses temas, como pioneirismo e imigração são recorrentes em discursos acerca da ocupação de Londrina e da região norte do Paraná, o que torna as biografias temporal e geograficamente situadas. Outros temas, como religiosidade, casamento, maternidade e atuação profissional, estão comumente presentes em narrativas sobre as vidas de mulheres, pois são entendidos como constituintes do “ser mulher”. E existem alguns tópicos que são concernentes à problemática da nomeação de ruas. Dessa maneira procuramos organizar a nossa escrita seguindo tais temas, trazendo próximos a nós os dados

---

<sup>8</sup> PINSKY, Carla B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012a, p. 470, grifo da autora.

estatísticos, no entanto, eles não balizam unicamente a pesquisa, uma vez que, há biografias que contemplam mais de um dos acima citados temas.

### **“Adotou como sua verdadeira terra”: As imigrantes em Londrina**

Uma das características mais destacadas da cidade de Londrina tanto em publicações quanto em símbolos é a de que a cidade recebera pessoas de todas as partes do mundo e os acolhera muito bem<sup>9</sup>. Construída ao longo do tempo – tanto por empresas envolvidas no processo de formação da cidade como a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), como pelo poder público, no propósito de divulgar a cidade – essa representação da cidade impregnou o imaginário social local. Dessa forma, uma das temáticas que chamaram nossa atenção foi a presença imigrante nas nomeações de ruas e nas biografias.

Londrina, de fato, recebeu ao longo de sua história grande aporte de imigrantes e de migrantes, porque se desenvolveu a partir de um projeto de venda de lotes rurais e urbanos iniciado em 1929. Havia, é claro, um grande empenho da Companhia de Terras Norte do Paraná em atrair populações interessadas em adquirir seus lotes. A elaboração de representações da região enquanto “terra da promessa” e “lugar onde se pisa em dinheiro” surtiu prestimoso efeito, já que tendo sido largamente divulgadas, elas atraíram um grande volume de migrantes de outros estados brasileiros, dentre eles imigrantes de toda a sorte de países, como podemos perceber na tabela 1.

Por essa tabela podemos perceber trinta diferentes nacionalidades de imigrantes presentes em Londrina no final da década de 1930. É um quadro bastante interessante para tomarmos conta das diversas nacionalidades que se interessaram em construir uma cidade, esse interesse é fruto da profícua propaganda atrativa da Companhia de Terras.

Desse modo nos empenhamos em procurar encontrar essa abundância e diversidade de nacionalidades também nas biografias de mulheres homenageadas com o empréstimo de seus nomes para os logradouros.

De ordem metodológica, é preciso esclarecermos que foram consideradas imigrantes todas aquelas mulheres que em seus textos biográficos foram declaradas como nascidas em outros países e que se transferiram para o Brasil e para Londrina.

---

<sup>9</sup> O Hino da cidade traz expressamente tal referência (Londrina! Cidade de braços abertos A todos os filhos do nosso Brasil! E a todos aqueles de Pátrias distantes[...]), e a bandeira do município de Londrina é um retângulo vermelho com quatro estrelas prateadas, estas dispostas em cruz que representam o Cruzeiro do Sul, assim como os quatro continentes de onde vieram aqueles formaram a cidade.

Nacionalidade	População
Brasileiros	1823
Italianos	611
Japonezes	533
Alleães	510
Hespanhóes	303
Portuguezes	218
Polonezes	193
Ukranianos	172
Húngaros	138
Tchecos-Eslovacos	51
Russos	44
Suíços	34
Austríacos	29
Lithuanos	21
Yoguslavos	15
Rumenos	12
Inglezes	7

Syrios	5
Argentinos	5
Dinamarquezes	3
Norte Americanos	2
Australianos	2
Suecos	2
Francezes	2
Búlgaros	2
Belgas	2
Liechtensteinianos	2
Noruegues	2
Indiano	1
Estoniano	1

Tabela 1: Nacionalidades presentes em Londrina em 1938

No entanto, existem alguns logradouros os quais suspeitamos se tratem de imigrantes ou descendentes, pois os sobrenomes são estrangeiros, mas tratam-se de suspeitas, pois nada consta nas biografias sobre o fato de serem ou não imigrantes. Essa confusão se dá, principalmente, nos nomes de origem japonesa. E com o silêncio das biografias no que tange a esse respeito, não há meios de saber. Assim, os nomes que batizam esses logradouros não foram considerados de imigrantes.

Nossas fontes de pesquisa são, contudo, as leis de nomeação de ruas e as biografias ou currículos adicionados ao processo que se encontram depositados no Arquivo da Câmara Municipal de Londrina. Dessa forma foi possível encontrarmos 46 logradouros batizados com nomes de mulheres imigrantes. O que, no universo de 699 logradouros com nomes de mulheres, representa 6,5%, e, em relação ao total de ruas (4.692) – incluindo logradouros em geral com nomes de homens, animais, países entre outros – esse percentual cai para menos de 1% (0,98%).

Dentre essas 46 mulheres, encontramos 14 nacionalidades diferentes e tentamos uma aproximação com as nacionalidades constantes na tabela 1 já citada, concluindo que 13 delas lá estão referenciadas. Apenas o Líbano não consta na tabela de 1938, e isso se deu devido ao fato de que em 1938 o Líbano ainda não era um país independente e sim uma colônia francesa.





Nacionalidade	1980	1990	2000	Total
Espanha	2	10	3	15
Itália	4	4	1	9
Alemanha	0	5	0	5
Japão	1	2	0	3
Iugoslávia	0	1	1	2
Líbano	0	2	0	2
Portugal	0	2	0	2
Rússia	1	0	1	2
Estados Unidos	0	0	1	1
Hungria	0	1	0	1
Lituânia	0	1	0	1
Polônia	0	1	0	1
Romênia	0	1	0	1
Síria	0	0	1	1
Total	8	30	8	46

Tabela 2: Mulheres imigrantes homenageadas (1981 – 2008)

Surpreendemo-nos ao constatar que a nacionalidade japonesa ocupa o quarto lugar com apenas 3 ruas, o que representa 6,5% do total. A surpresa deu-se em razão de Londrina e o Norte do Paraná serem, notoriamente, conhecidos como uma região de forte presença nipônica, e, face, sobretudo, das diversas colônias por esses imigrantes montadas na região a partir da década de 1930. Os imigrantes japoneses que se mudaram do interior de São Paulo para tentar a vida no norte do Paraná se dedicaram, primeiramente, à agricultura, formando colônias. Cabe pontuar que os primeiros lotes rurais vendidos na cidade de Londrina, no ano de 1930, foram para clientes japoneses, que começaram a formar o que ficaria conhecido como colônia Ikku (em japonês significa primeira) que se destacava pela sua produtividade.

O grupo de mulheres imigrantes que se apresentou numericamente superior nas nomeações de ruas é o composto pelas espanholas, seguidas pelas italianas. Essas, por sua vez, ocupavam a primeira colocação entre os não-brasileiros na tabela com os dados de 1938, já as mulheres espanholas integravam a quarta nacionalidade em maior número na cidade. A nacionalidade japonesa como já apontamos ocupa o quarto lugar em número de ruas. No entanto, em 1938 destacavam-se como o segundo maior número de não-brasileiros residentes em Londrina.

Tendo em vista que a população imigrante era bastante numerosa na cidade, nos questionamos como essa presença grande e importante não repercutiu nas homenagens no espaço urbano, pelo menos no que tange às mulheres? Indagamos também se teriam ou não todos esses imigrantes permanecido em Londrina? Talvez essa seja uma das respostas. Porém é necessário que se diga que a CTNP incentivou o estabelecimento de milhares de pessoas em Londrina, no entanto, não os assegurou tranquilidade. A situação de muitos imigrantes passa por reveses com a eclosão da Segunda Guerra, já que, em razão desta, em 1942 a CTNP é nacionalizada e a situação para os imigrantes no Brasil e, não menos em Londrina, torna-se delicada.

As marcas do período de guerra declarada ficaram mesmo depois da guerra ter terminado. Relatos mostram abusos contra propriedades, prisões arbitrárias e demonstrações de preconceitos em razão da etnia anos depois da guerra acabar. Há um silêncio sobre essa parte da história londrinense. Praças foram construídas em homenagem aos imigrantes ao longo dos anos subsequentes, principalmente aos japoneses, mas esse assunto jamais floresceu, cabendo à historiografia investigar e buscar respostas.

Desse modo entendemos que as mulheres imigrantes teriam sofrido um duplo estigma na hora de serem homenageadas: foram preteridas por serem mulheres e também por serem imigrantes. Os estigmas permaneceram, como já dito, vivos no imaginário social, aquelas concepções de perigo e aversão aos estrangeiros ficam vivas. No entanto, não é algo deliberado e decidido, nas palavras de Bronislaw Baczko “o imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais”<sup>10</sup>. Complementa o autor dizendo que é “(...) através dos seus imaginários, [que] uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns (...)”<sup>11</sup>.

No entanto, ao analisarmos as biografias podemos perceber que alguns traços são comuns às mulheres imigrantes com as “brasileiras” em geral. São elementos presentes nas biografias de uma maneira geral, mostrando que o fato de serem menos referenciadas no

---

<sup>10</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol 5 (Antropos). Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1982, p. 309.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_. *Imaginação social*, p. 309.

espaço urbano, talvez tenha se dado mais pelo fato de serem mulheres, o que ressalta a perspectiva de Michelle Perrot<sup>12</sup> que nos disse que a esfera pública fora destinada ao homem e à esfera privada às mulheres. Esse argumento de Perrot é reforçado pela análise das biografias que empreendemos, pois lá podemos ver que constantemente as mulheres são homenageadas por, justamente, terem ficado em casa e se dedicado à família, reforçando os papéis de mãe e esposa.

Vejamos um exemplo retirado de uma biografia de uma imigrante japonesa, a Sra. Tsuru Oguido homenageada com uma rua em 1987.

Seu filho Homero Morinobu Oguido, hoje deputado em nosso Estado, eleito por Londrina com elevada margem de votos, foi Vereador por esta Casa e seu presidente.

Exemplo de mãe, acatando a religião Católica, soube transmitir aos seus filhos o mesmo sentimento religioso e o mais importante, o respeito a ela e aos seus semelhantes.

Adotou o Brasil como sua verdadeira pátria e aqui veio a falecer, deixando um rol de amizades muito grande<sup>13</sup>.

É preciso destacar alguns elementos da biografia da Sra. Tsuru Oguido que nos chamaram a atenção. Um deles é a referência a um homem de destaque e importância social reconhecida, no caso trata-se do filho deputado e ex-vereador, mas em outros textos podem aparecer o pai, o marido ou o filho. A presença masculina legitima a nomeação da mulher para o espaço urbano, nesse caso o filho dá significância à mãe, como veremos mais à frente.

Outro elemento presente é a religiosidade, tendo em vista que o pensamento normativo propala que a mulher deve ser religiosa e educar seus filhos na religião, tendo Maria como espelho – casta e devotada. Na biografia de Tsuru Oguido é importante percebemos o destaque que é dado para a conversão religiosa e que a homenageada teria além de acatado a religião católica, transmitido aos filhos, cumprindo seu papel de boa mãe cristã.

Nas biografias das imigrantes, em geral, seus autores achavam mais importante exaltar que elas amavam a pátria brasileira. Em algumas biografias aparece, repetidamente, a dificuldade de assimilação à cultura brasileira, mormente, a língua portuguesa. Vejamos o

---

<sup>12</sup> PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru-São Paulo: Edusc, 2005.

<sup>13</sup> Projeto de Lei 58/87 que gerou a Lei Municipal nº 3.990. Denomina Rua Tsuru Oguido.

exemplo da biografia da imigrante russa Zenaida Popoff, homenageada com uma praça no ano de 2008: “[...] trabalhou muito, passou até fome e entre tantas dificuldades, uma delas foi a língua pois não entendiam nem podiam falar a nossa língua portuguesa”.<sup>14</sup>

Apesar de ela ser homenageada sozinha nessa lei a biografia fora escrita em dados momentos na terceira pessoa do plural expressando que tais fatos remetem a realidade do casal ou da família.

No conjunto dos textos biográficos não há fortemente presente referências à imigração, assim, o que notamos é que há um reforço do pertencer a Londrina. Não importa de onde eles e elas vieram, mas sim o que fizeram na região, de tal modo, por vezes, é citado o esforço para se adaptar não só ao idioma, mas também ao penoso viver em uma região com poucas condições. O que constitui um tema bastante recorrente nas demais biografias.

#### “As agruras de um tempo difícil”

As narrativas sobre quão difíceis eram as condições de vida na Londrina menina, no começo de sua formação são bastante comuns. Essa temática pode ser encontrada em relatos orais, em publicações comemorativas ou memorialistas, e, também, encontramos nas biografias das homenageadas com um nome de rua. Como apontou Arias Neto, “para muitos a rotina estafante do trabalho é o que caracteriza o pioneirismo”<sup>15</sup>, ou seja, é como se o fato de citar as dificuldades vividas validasse contundentemente toda a narrativa e a própria homenagem que o projeto propõe. Alguns desses casos:

Eram muitas as lutas e as dificuldades, pois a cidade estava apenas se iniciando.<sup>16</sup>

Naquela época, essas ruas eram todas sem calçamento e dona Izabel contava a dificuldade que foi mudar do Estado de São Paulo, onde a terra é branca, para uma terra tão vermelha e poeirenta. Ela foi sempre uma mulher muito trabalhadeira, tendo ajudado seu marido a enfrentar com coragem os desafios daquele tempo.<sup>17</sup>

As dificuldades explicitadas nos textos são vastas, mas em geral referem-se às agruras que o ambiente apresentava. Há, uma biografia de uma imigrante espanhola, Sra. Isabel

---

<sup>14</sup> Projeto de lei nº268/2008 que originou a Lei Municipal nº 10.633/2008. Denomina Praça Zenaida Popoff.

<sup>15</sup> ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. *História & Ensino*. Revista do Laboratório de Ensino da UEL, nº1, p. 69 -82, 1995, p. 77.

<sup>16</sup> Projeto de lei nº 25/2007 que originou a Lei Municipal nº 10.171. Denomina Rua Amélia Compri Vallim.

<sup>17</sup> Projeto de lei nº 184/2003 que originou a Lei Municipal nº 9.154. Denomina Rua Izabel Ferreira Lopes.

Guilhen Garcia, que nos chamou a atenção, e entendemos que ela também está repleta de elementos que podem ser detectados em outras biografias. O texto nos diz que a homenageada não foi pessoa de destaque social, e sim fora esposa, mãe e avó, ressaltando o papel social tomado como certo para a mulher.

Enfrentando desde cedo dificuldades de todo tipo, dedicou sua vida à família, sempre com disposição para o trabalho, o que serviu de exemplo para os filhos e netos, e embora não tenha sido personalidade de destaque na sociedade londrinense, foi esposa, mãe e avó extremosa, muito amou e foi amada, e por sua bondade e desprendimento, os seus nunca a esquecerão, mormente se puderem ver seu nome dedicado à uma rua da cidade, como homenagem póstuma.

É uma biografia de mulher, provavelmente, de vida e hábitos simples e que não pertencera às camadas abastadas economicamente e de poder. Nesse texto percebemos mais uma vez que a homenageada é exaltada pelas suas qualidades do lar, como esposa, mãe e avó. Há outra fala de um dos herdeiros da homenageada em sua biografia que vale destaque: “[...] vinda pra cá em 1932, tendo participado da primeira Missa celebrada em Londrina, no mesmo local onde se ergue hoje a Catedral Metropolitana.”<sup>18</sup>

Há uma exaltação da participação na Londrina da primeira hora, mas também o destaque para a participação na primeira missa e a questão de sua religiosidade. Indubitavelmente a religião se faz muito presente nas biografias das mulheres homenageadas no espaço urbano londrinense.

É preciso explicitar que os discursos sobre o pioneirismo não são, necessariamente, consonantes com aqueles sobre a imigração. Tradicionalmente em Londrina entendia-se por pioneiros aqueles que se moveram de outras partes do país ou do mundo e que obtiveram sucesso no “Eldorado Cafeeiro”. Essa elaboração conceitual esteve longamente presente no imaginário londrinense e começou a ser revista por ocasião do cinquentenário da cidade (1984) quando se estabeleceu em lei que o dia 10 de dezembro de 1934 seria um marco temporal do pioneirismo, isto é, foram considerados pioneiros todos e todas que chegaram até essa data limite. Em 2004, por ocasião dos 70 anos da cidade e a construção do “Memorial do Pioneiro”, essa data foi expandida até 1939.

---

<sup>18</sup> Projeto de lei nº177/93 que originou a Lei Municipal nº 5.482/1993. Denomina Rua Izabel Guilhen Garcia.

### “Vocação natural”: maternidade

As mulheres e seus corpos historicamente foram ligadas à reprodução humana, é a naturalização da disposição biológica da mulher para a reprodução<sup>19</sup> e o papel de mãe foi entendido como vocação natural da mulher, que estivera condenada a tal condição. Nos anos 50 – chamados anos dourados – isso ficou mais evidente, tratava-se do esforço de manter a mulher restrita à esfera do privado.

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse *seus* caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras fossem felizes<sup>20</sup>.

Consonantemente, vemos uma passagem do *Jornal das Moças* – semanário que circulou na primeira metade do século XX e tratava de “assuntos femininos” – que asseverava que “[...]uma mulher pode e tem o direito de desejar ser uma letrada ou cientista, de saber cozinhar e lavar, mas jamais deve ignorar as funções de mãe” (*Jornal das Moças*, 21.03.1949).

Contudo, as reflexões promovidas por Elisabeth Badinter elucidam que o amor materno como o conhecemos atualmente, é aquisição bem recente<sup>21</sup>. Ao longo do tempo, a mãe tinha mais uma função biológica que afetiva, ficando as crianças ao cargo de amas-de-leite que lhes garantiam a sobrevivência física, o suporte emocional e humanização. A supervalorização da maternidade é acompanhada de uma atribuição, tomada enquanto reconhecimento, de características que seriam indissociáveis às mulheres, como o afeto, a sensibilidade, o cuidado ao próximo.

O amor materno é a origem e o ponto fundamental da criação do espaço sentimentalizado do lar, em cujo interior a família vem se refugiar. A família moderna, portanto, centra-se em torno da mãe que adquire uma importância que jamais tivera. Sua casa, fechada às influências externas,

---

<sup>19</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

<sup>20</sup> PINSKY, Carla B. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla B. *História das Mulheres no Brasil*, 9ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

<sup>21</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

passa a constituir o novo “reino” da mulher e a maternidade seu mais almejado desejo<sup>22</sup>.

As mulheres são sempre exaltadas enquanto guardiãs do lar. A devoção de Maria ao filho é lembrada como modelo em diversas biografias. Muitas são exaltadas por exatamente terem se dedicado exclusivamente à maternidade e às lides domésticas, papéis que teriam desempenhado com maestria. Vimos as citações do pensamento normativo, sobretudo da década de 1950 acerca do conceito de feminino e dos papéis sociais que as mulheres deveriam ocupar, no entanto, é preciso que se diga que esses referenciais atravessaram épocas e nas últimas décadas do século XX ainda se manifestavam fortemente.

Mulher ativa, sempre esteve presente nas obras de caridade de sua comunidade, além de ser mãe exemplar e dedicada.<sup>23</sup>

A Sra Benedita Almeida de Oliveira residente em Londrina desde 1966, foi uma dona de casa trabalhadora que se destacou na vida por sua dedicação e seu amor à sua família, criando os seus 6 filhos dentro dos princípios cristãos de moral e ética, valorizando o amor ao próximo, o trabalho honesto e a verdade.<sup>24</sup>

Foi uma mãe exemplar e dedicada.<sup>25</sup>

Trabalhou na roça, criou, educou e casou as cinco filhas.<sup>26</sup>

Natalia Paine nasceu em 1924 em Pederneiras – SP, casou-se com Arridarão Cesário com quem teve 10 filhos. Dedicou-se em tempo integral à criação dos filhos e netos até falecer em 25 de junho de 1976, deixando grande saudade.<sup>27</sup>

Nilza nunca trabalhou fora de casa, e como filha e neta de italianos era uma esposa muito dedicada ao lar e à educação dos filhos.<sup>28</sup>

Desejamos destacar uma frase da biografia da Sra. Nisa Maria Lopes do Carmo que diz que ela foi mãe exemplar e dedicada. Essa sentença é recorrente em inúmeras biografias e denota a dedicação da mulher à atividade que tradicionalmente convencionou-se como naturalmente feminina – a maternidade – e também a função modelar dessa função, ou seja, há o caráter pedagógico. “Exemplar” a quem? Mães exemplares servem de modelos a outras mães e as suas filhas.

---

<sup>22</sup> ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>23</sup> Projeto de lei nº 167/1996. Lei Municipal nº 6.605/1996. Denomina Rua Eliana Maria Tarasconi Peixe.

<sup>24</sup> Projeto de lei nº 454/1999. Lei Municipal nº 7.662/1999. Denomina Rua Benedita Almeida de Oliveira.

<sup>25</sup> Projeto de lei nº 286/1999. Lei Municipal nº 7.869/1999. Denomina Rua Nisa Maria Lopes do Carmo.

<sup>26</sup> Projeto de lei nº 376/1999. Lei Municipal nº 7.943/1999. Denomina Rua Luzia Henrique do Nascimento.

<sup>27</sup> Projeto de lei nº 99/2002. Lei Municipal nº 8.773/2002. Biografia na íntegra. Denomina Rua Natalia Paine.

<sup>28</sup> Projeto de lei nº 205/2002 que originou a Lei Municipal nº 8.827/2002. Denomina Rua Nilza Edite Rossi Lakoski.

Quanto ao montante de biografias a serem analisadas queremos destacar dois pontos. O primeiro é a existência de biografias demasiadamente curtas e insatisfatórias quanto aos dados biográficos, como vimos na biografia citada de Natalia Paine, transcrita integralmente, ocupando apenas pouco mais de duas linhas. Há descompasso posto, e este é promovido por diferenciações nas relações de gênero, pois nas mesmas leis foram também homenageados alguns homens. Vamos reproduzir uma já citada biografia a fim de comparação. Vejamos o exemplo da diferença:

Arridarão Cesário veio para o Paraná em 1950, indo morar no distrito da Warta, em 1958 mudou-se com a família para Londrina, ingressando no quadro de funcionários da Prefeitura onde trabalhou até se aposentar. Em 1966 foi morar com a família no Conjunto Três Marcos, atual Conjunto das Flores, sendo um dos pioneiros deste Conjunto, onde morou até falecer, deixando uma grande lacuna para seus familiares e amigos.<sup>29</sup>

Natalia Paine nasceu em 1924 em Pederneiras – SP, casou-se com Arridarão Cesário com quem teve 10 filhos. Dedicou-se em tempo integral à criação dos filhos e netos até falecer em 25 de junho de 1976, deixando grande saudade.<sup>30</sup>

Mesmo que diminuta a biografia do Sr. Arridarão Cesário já é consideravelmente maior e mais rica em detalhes do que a contida no mesmo projeto de lei e que se refere à sua esposa, a Sra. Natalia Paine. Tomando única e exclusivamente o texto biográfico como fonte, a pergunta que nos fazemos é, esse senhor foi casado? Fala-se em família e familiares, mas não vemos menção a filhos e esposa no corpo do texto. A confirmação de que fora casado e com filhos só nos é possível pela leitura de uma ficha cadastral, na qual constam dados pessoais e que acompanha a biografia e também pela leitura da biografia de sua esposa já citada. No texto da biografia da esposa há o nome do marido e a quantidade de filhos, mesmo que estas informações também estejam em ficha anexa contendo os dados pessoais da homenageada. Ou seja, a sua biografia que é parca de informações é, ainda por cima, redundante, dando grande destaque ao cônjuge e aos descendentes enquanto a do marido destaca sua atuação profissional. É uma repetição do pensamento normativo que destaca o homem no espaço público.

Embora circule pelas ruas, por conta de obrigações sociais e domésticas, atividades culturais e beneméritas, o lar é seu espaço privilegiado e a domesticidade, sua razão de viver. Satisfeita ou submissa à sua condição,

---

<sup>29</sup> Projeto de lei nº 99/2002 que originou a Lei Municipal nº 8.773/2002.

<sup>30</sup> Projeto de lei nº 99/2002. Lei Municipal nº 8.773/2002. Biografia na íntegra. Denomina Rua Natalia Paine.



não procura mudá-la, mesmo porque sabe que os espaços públicos e o mundo da política são apanágio apenas dos homens. Mantém a virgindade até o casamento e depois de casada é fiel ao marido. Filha obediente, esposa submissa, mãe dedicada, é temente a Deus, virtuosa e recatada. E não faz nada que comprometa essa reputação.<sup>31</sup>

A vida da mulher, pelos padrões normativos esperados, é conformada ao privado, ao lar, em dedicação não só aos filhos, mas também ao marido, essência da família.

### **“Uma vida compartilhada”: casamento e identidade feminina.**

A ênfase no papel do marido e dos filhos na vida da mulher/mãe é consonante a outro que queremos apontar como relevante. Para tal lembramos o trecho de biografia supracitada, a da Sra. Luzia Henrique do Nascimento: “trabalhou na roça, criou, educou e casou as cinco filhas”.<sup>32</sup> Nesse trecho percebemos que há o reforço de um discurso que percorre a grande maioria das biografias femininas, a super valorização do casamento e da necessidade da presença de um esposo. No texto aqui citado vemos que há um destaque para o fato de as cinco filhas – mulheres – terem se casado. A mãe cumpriu sua missão materna, educou, criou e casou as filhas, tirou de si a responsabilidade e passou para o marido, pois não haveria mal maior que permanecer solteira, é a figura da “solteirona” que *“ficou para titia”*.

As solteironas são dignas de pena; mulheres incompletas, que falharam em cumprir a vocação feminina. “Ficar para titia” é algo terrível. Por toda primeira metade do século XX, as celibatárias estão condenadas à abstinência sexual, nada de aventuras sexuais para elas. Devem ainda ser discretas e até um tanto sisudas para evitar as más línguas e contentar a todos que insistem em controlar seus passos. Consideradas uma ameaça aos casamentos constituídos, são temidas pelas “bem casadas” ciosas de seus maridos. A “encalhada” também precisa mostrar-se útil e generosa: cuidar dos pais idosos ou dos sobrinhos e/ou arrumar um emprego “honesto”.<sup>33</sup>

A importância do casamento e da presença do marido perpassa a maioria das biografias. O que nos salta aos olhos na análise é a ênfase dada no companheirismo e abdicação total das mulheres frente às adversidades e necessidades do cônjuge. Esse discurso é bastante recorrente, tendo em vista que Londrina no começo de sua formação era um ambiente inóspito ainda sem os recursos básicos de uma cidade, reforçando o discurso de abdicação e coragem do casal. “Dona Maura veio juntar-se à outras jovens senhoras que

---

<sup>31</sup> PINSKY, C. A era dos modelos rígidos, p. 472.

<sup>32</sup> Projeto de lei nº 376/1999. Lei Municipal nº 7.943/1999. Denomina Rua Luzia Henrique do Nascimento.

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. A era dos modelos rígidos, p. 490-491.

assim como ela, acostumadas ao conforto de sua terra natal se dispuseram à junto de seus maridos enfrentar o barro e a falta de recursos de Londrina dos primeiros tempos”.<sup>34</sup>

Apezar [sic] das dificuldades encontradas na adaptação às condições carentes da Londrina de 1946, foi grande incentivadora dos negócios do marido, estimulando-o a investir e a permanecer em caráter definitivo em Londrina.<sup>35</sup>

Sempre acompanhou com muito Sacrifício [sic] o Marido Sr. Carlos Gil.<sup>36</sup>

Foi esposa fiel e dedicada ao marido acompanhando-o em todas as fazes da sua vida, enfrentando os bons e maus momentos sem nunca reclamar. Apoiava integralmente as atividades de seu marido incentivando-o (...)<sup>37</sup>.

Esposa dedicada, mesmo silenciosamente contribuiu para que seu esposo atingisse os objetivos para sua grandesa [sic] e para a grandesa [sic] de sua comunidade.<sup>38</sup>

Esposas devotadas às famílias e aos maridos, cujo papel em suas vidas era central; abdicadas suportaram e incentivaram os maridos à continuidade de seus intentos profissionais, mesmo que para isso fosse necessária uma mudança para um local até então inóspito, onde a vida ainda estava por ser feita. Essas mulheres são representadas como fiéis e incontestes companheiras. A função feminina, analisando essas representações, é, além de mães devotadas e dedicadas, serem esposas fiéis, companheiras e incentivadoras.

Isto é, durante todos estes séculos, a mulher brasileira, de dentro do espaço sentimentalizado do lar, tem dado todo o amparo físico e emocional e até mesmo fornecido soluções práticas nos momentos difíceis e de crise por que passa seu marido; ela é quem o tem restituído à paz e ao equilíbrio, quem tem dado ordem ao seu dia-a-dia e quem tem, por diversas vezes, aumentado sua confiança e auto-estima; também é ela quem tem servido de intermediária, muitas vezes, entre o pai e o(s) filho(s), quem tem atendido às necessidades físicas e emocionais de seus filhos e organizado o seu cotidiano, quem, através da vigilância quase total sobre elas, impedido inclusive que ajam “mal”, os tem encaminhado para o sucesso e a realização profissional.<sup>39</sup>

Elas não escolheram serem mães e esposas. Era algo pressuposto e que lhes cabia viver com isso. Como vimos é secular o processo de construção da mentalidade acerca dos papéis normativos de gênero. É preciso, como na citação, destacar que essas mulheres

---

<sup>34</sup> Projeto de lei nº 536/1995. Lei Municipal nº 6.465/1995. Denomina Rua Maria Maura Rielli Victorelli.

<sup>35</sup> Projeto de lei nº 29/1996. Lei Municipal nº 6.502/1996. Denomina Rua Luiza Donoso Gonzalez.

<sup>36</sup> Projeto de lei nº 62/1998. Lei Municipal nº 7.370/1998. Denomina Rua Francisca Merlos.

<sup>37</sup> Projeto de lei nº 199/2003. Lei Municipal nº 9.157/2003. Denomina Rua Izolina Bacci Nonino.

<sup>38</sup> Projeto de lei nº 125/2005. Lei Municipal nº 9.785/2005. Denomina Rua Olga Biancardi Maurutto.

<sup>39</sup> ROCHA-COUTINHO. *Tecendo por trás dos panos*, p. 155.

adaptadas ao espaço do lar sempre tiveram importância capital para as famílias e para a sociedade em geral. Pensemos no caso de Londrina, era extremamente necessário que essas mulheres cuidassem e aparecessem seus maridos e filhos, pois se vivia em um ambiente ainda bastante inóspito. Foram a ousadia e coragem – características sempre tributadas aos homens – das mulheres que garantiram a sobrevivência e qualidade de vida em terras desconhecidas. Mesmo que excluídas do espaço público e dos poderes majoritários da sociedade, as mulheres fizeram-se, no lar, fundamentais à vida humana, e dignas de homenagens públicas. Desse modo percebemos que a vida da mulher muito se atrelara ao marido e à família. Tanto o é que encontramos algumas leis que no mesmo projeto trata de homenagear o casal, em alguns casos não existe biografia individual, existe apenas a biografia conjunta.

Geraldo Lino de Souza e Maria Pimenta de Souza vieram do Estado de Minas Gerais para o Estado do Paraná no ano de 1939, para trabalharem nas lavouras de café, em 1947 fixara, residência no Patrimônio Regina, Município de Londrina, onde tiveram seus três filhos e ajudaram a formar muitas lavouras de café.<sup>40</sup>

As biografias além de sucintas são conjuntas, retirando a individualidade do(a) homenageado(a) e transformando – o (a) em um conjunto com o cônjuge. Não são raras as biografias que apenas mencionam o nome da esposa e quantos filhos ela gerou. Percebemos, no entanto, que a presença de outras pessoas nas leis ou nas biografias servem para justificar a importância daquela mulher. Nesses casos, geralmente, cita-se a ascendência e/ou descendência como elemento legitimador da nomeação. Em caso das mulheres são bastante comuns as frases como “esposa de” ou “filha de” ou também “mãe de”, tornando-a, então, merecedora do destaque que a nomeação de rua proporciona.

Como esposa do primeiro presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Londrina – Ernesto Gonçalves Mendes – teve atuação destacada não só nas atividades sociais, mas também no apoio moral ao marido, que sofreu toda sorte de humilhações e perseguições de algumas autoridades da época.<sup>41</sup>

Ivone Maria Orecelli [sic] de Oliveira nasceu em 18 de junho de 1948, na cidade de Londrina. Filha dos Pioneiros Danilo Orecelli e Giustinina Massaro Orecelli. Casou-se com Wilson de Oliveira e teve 4 filhos: Kedyma,

---

<sup>40</sup> Projeto de lei nº 291/1998 que originou a Lei Municipal nº 7.521/1998. Denomina Rua Maria Pimenta de Souza.

<sup>41</sup> Projeto de lei nº 355/1998 que originou a Lei Municipal nº 5.973/1994. Denomina Rua Maria Tito da Motta Mendes.

Karine, Wilson Júnior e Waldemar. Tem 5 netos. Os filhos e netos todos em [sic] Londrinenses. Morreu no dia 8 de março de 1999 em Londrina.<sup>42</sup>

Na segunda biografia – transcrita integralmente – vemos que é tecida uma rede de relações familiares, pois se não fossem os detalhes sobre ascendência e descendência pouco sobriaria da biografia da homenageada. Já no primeiro caso há uma participação mais efetiva do personagem representado pelo marido da biografada, há uma descrição de quem era ele, sua função e até as agruras que passou, e sua esposa fiel o acompanhara e suportara.

Percebemos que em inúmeros textos biográficos as relações pessoais, tanto por parentesco ou profissionais, são apresentadas para justificar, validar e aumentar o mérito das homenageadas. No entanto, forma-se um imbróglio, pois, por vezes, os dados biográficos são diminutos e suplantados pelo destaque dado às pessoas “importantes”.

Sobre esses textos, faz-se necessário destacar dois pontos importantes. O primeiro é que as pessoas citadas, em geral, são de destaque na sociedade e que o vínculo das homenageadas com elas se dá por meio de parentesco ou por terem trabalhado com tais pessoas. Outro ponto é que, em geral, as homenageadas são pessoas bastante simples, com pouca educação formal e que ocuparam trabalhos simples, sem grande proeminência social. Desse modo para validar a homenagem, para mostrar aos vereadores que apreciarão o projeto que aquela senhora é merecedora de tal honraria, vinculam-na a ‘personalidades’ de destaque e/ou influência na cidade, como ex-prefeitos e políticos em geral, professores, apresentador de televisão, funcionários públicos entre outros. Assim, quisemos investigar também sobre a ocupação dessas mulheres homenageadas.

### **Trabalho e Ocupação das mulheres**

Ao longo do século XX viu-se uma progressiva inserção feminina nos diversos campos de trabalho, assim decidimos pensar a ocupação dessas mulheres homenageadas. Procuramos nas biografias perceber as profissões/ocupações dessas mulheres. Existe uma grande diversificação, são químicas, engenheiras, jornalistas, médicas, enfermeiras, professoras entre outras. Sendo a recorrência maior para as professoras, de todas as disciplinas e conteúdos, mas há também espaço – e bastante – para as profissões

---

<sup>42</sup> Projeto de lei nº 44/1999 que originou a Lei Municipal nº 7.964/1999. Denomina Rua Ivone Maria Orecelli de Oliveira.

consideradas mais simples como lavadeiras, costureiras, passadeiras, parteiras e cozinheiras. No entanto, a maioria das mulheres homenageadas era do lar ou não tinham profissões declaradas.

Historicamente essas mulheres ocupam um espaço importante, muitas foram daquelas pessoas que acreditaram no sonho de uma vida melhor no norte do Paraná e decidiram migrar, acompanhadas pelas famílias ou não.

Moças pobres, filhas de trabalhadores rurais e urbanos, desqualificados socialmente, mulheres sós, viúvas ou abandonadas pelos maridos com suas filhas e filhos, obrigadas à faina diária da sobrevivência, moças solteiras, empregadas em setores da economia da cidade ou prostituindo-se, integram a extensa categoria de “mulheres comuns”, que se estabeleceram na cidade com suas famílias ou até mesmo solitárias. Enfrentaram os preconceitos provenientes dos preceitos machistas, dos padrões de organização da família, assim como os vários discursos rígidos dos papéis sociais e sexuais.<sup>43</sup>

Essas mulheres categorizadas enquanto “comuns” tinham a necessidade vital de se inserirem nas esferas do trabalho. Rosimeire Castro nos diz que muitas dessas mulheres por não possuírem conhecimento socialmente reconhecido acabaram absorvidas em casas de família para trabalharem como domésticas. “Outras vivenciaram a triste realidade de ser uma ‘mulher mal falada’, mãe solteira e amante, individualizando suas condutas, tendo-as julgadas e até mesmo condenadas pelas vozes masculinas e até mesmo seus pares”<sup>44</sup>, de fato, essas histórias de “insucesso” não estão narradas nas biografias. A inserção feminina no mercado se deu, mesmo que à contragosto de muitos. De todas as camadas sociais as mulheres partiram para às frentes de trabalho.

Se para as classes pobres o trabalho revestia-se de caráter de necessidade, até mesmo de sobrevivência, no caso das classes médias e alta urbanas o achatamento da renda perante as crescentes demandas de consumo; o progressivo interesse pela mão de obra feminina no setor de serviços e a incorporação do valor burguês do trabalho representam alguns dos fatores que teriam contribuído para empurrar as mulheres na direção do trabalho assalariado.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> CASTRO, Rosimeire Angelini. *O cotidiano e a cidade: práticas, papéis e representações femininas em Londrina (1930 – 1960)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 1994, p. 191-2.

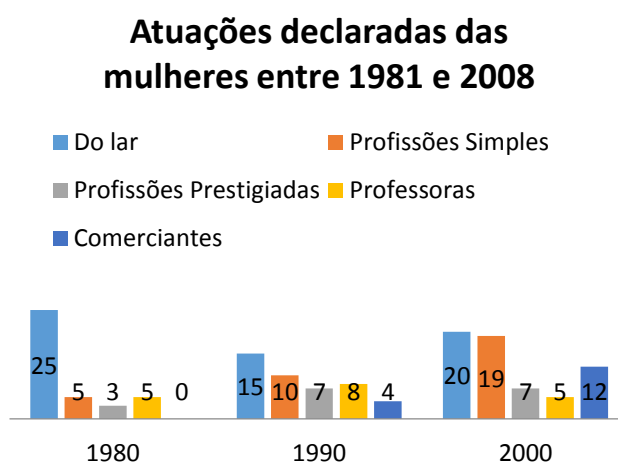
<sup>44</sup> \_\_\_\_\_. *O cotidiano e a cidade*, p. 192.

<sup>45</sup> FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 57.

Desse modo, por conjuntura de fatores as mulheres inseriram-se no mercado de trabalho. Maria Martha Freire que investigou os discursos maternalistas no Brasil nos diz que algumas profissões eram recomendadas como mais apropriadas ao ‘espírito feminino’, dentre essas “(...) destacavam-se as funções de professora, enfermeira e costureira, não consideradas ‘desviantes’, visto que extensões de seus papéis “naturais” de mãe, esposa e dona de casa”<sup>46</sup>. E a autora ressalta que por não exigirem habilidades requeridas e por se tratarem de destrezas ditas naturais da mulher, eram menos remuneradas. No entanto, esse quadro começou a se transformar com a gradativa ampliação da escolaridade feminina, a começar pela alfabetização.

Assim, percebe-se que ao longo do século XX, de um modo ou de outro, viveu-se um processo de maior acesso das mulheres à educação e aos espaços do trabalho, o que foi aos poucos configurando o arquétipo da “mulher independente”. Acusadas de destruírem o lar e prejudicarem os filhos as mulheres ocuparam cargos nas mais diferentes áreas da sociedade. Essa diversificação dos papéis femininos pode ser vista também pelas biografias das mulheres homenageadas no espaço urbano londrinense.

**Gráfico 1:** Atuações declaradas das mulheres entre 1981 e 2008.



<sup>46</sup> . *Mulheres, mães e médicos*, p. 56.

O gráfico 1 nos informa sobre as profissões/ocupações declaradas nas biografias das mulheres homenageadas no período de 1981 a 2008. É preciso destacar que em mais da metade dos textos biográficos em cada década não constava referência sobre a ocupação das homenageadas. Desse modo, é apenas com os dados das biografias que aportavam essa informação que compusemos o gráfico.

É interessante pensarmos que as conquistas do movimento feminista, em âmbito geral, se refletem nas nomeações, sobretudo, nos textos biográficos, tendo em vista que as mulheres com maior acesso à escolaridade ganham também maior destaque no espaço urbano com o passar do tempo. É preciso que expliquemos que entendemos por profissões prestigiadas aquelas que obtêm, tradicionalmente, maior respeito público como profissionais ligados à saúde, à justiça e às comunicações<sup>47</sup>. Já as profissões denominadas simples são aquelas que não requerem formação acadêmica e estão ligadas à prestação de serviços como, cozinheiras, costureiras, padeiras, com elevada predominância dos trabalhos domésticos.

Sobre a definitiva inserção feminina no mercado de trabalho e sua consequente expansão ao longo do século XX, a psicóloga Maria Lúcia Rocha-Coutinho considera que houve uma alteração no eixo norteador das vidas das mulheres assim como um alargamento do campo de atuação. Para Rocha-Coutinho:

O foco da vida da mulher, antes voltado para o outro, para a satisfação das necessidades daqueles à sua volta, desloca-se, então, para seu crescimento e desenvolvimento integral como ser humano. Esta nova ênfase no crescimento pessoal acarretou uma série de mudanças sociais que levaram à necessidade de um planejamento de vida mais individualizado. [...] Atualmente, um número cada vez maior de mulheres de classe média com filhos trabalha fora de casa e podemos dizer que, no momento, as mulheres atuam não apenas nos campos tradicionalmente associados a elas (o magistério primário, por exemplo), mas em todos os campos, inclusive aqueles (a engenharia e a administração, entre outros) que sempre foram vistos como basicamente masculinos<sup>48</sup>.

A autora, no entanto, destaca que há uma discriminação dissimulada à inserção das mulheres, assim como há diferenças em ascensão profissional:

E, hoje em dia, embora muitas pessoas ainda acreditem que as mulheres não são adequadas, com base no seu sexo, para certos tipos de trabalho e

---

<sup>47</sup> Estamos nos valendo das análises de Pierre Bourdieu e o acúmulo de capital social e simbólico a ser manejado no campo social pelos profissionais que são investidos pelo poder simbólico do diploma profissional. BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Berthand, 2010.

<sup>48</sup> ROCHA-COUTINHO, *Tecendo por trás dos pano*, p. 117-8.

ainda exista uma discriminação sutil e velada no que diz respeito a contratações, promoções e salários, um número cada vez maior de profissionais reluta em discriminar, pelo menos abertamente, as mulheres com base nestas crenças<sup>49</sup>.

Separamos também algumas biografias que davam destaque para a atuação filantrópica e benemérita das homenageadas. Numericamente não são muitas, mas é interessante percebemos que muitas vezes as ações filantrópicas surgem como forma de valorizar a atuação feminina, ou melhor, para engrandecer a não-atuação profissional das homenageadas, mas seu engajamento social. Rosimeire Castro destacou que as atividades femininas filantrópicas tiveram funções importantes na sociedade londrinense, pois, além de suprir necessidades que os poderes institucionalizados (Companhia de Terras e Prefeitura) não faziam, proporcionou às mulheres um engajamento social e, mormente, uma reflexão sobre a construção de um ‘nós’ feminino<sup>50</sup>.

Herdeira da caridade, representando no Brasil uma ação historicamente vinculada à fé católica, a filantropia representou também o trabalho permitido às mulheres e incentivado pelas revistas femininas como sugestão de reação ao ócio e à frivolidade – comportamentos que adquiriram conotação condenável numa sociedade que almejava ser moderna. A laicização da filantropia, ao esvaziá-la da gratificação espiritual, diferenciou-a da caridade e deslocou seu foco para o bem-comum, o progresso moral e social, reforçando seu vínculo com a sociabilidade. (...) Além de fazer parte da cultura da elite, a filantropia investia-se de caráter cívico, afinado com uma ideologia que lhe atribuía dimensão estratégica na construção da nacionalidade.<sup>51</sup>

A filantropia foi para as mulheres uma experiência de muita relevância, que em muitos casos acabou não só por transformar a sua visão de mundo e as ideias que tinham de si mesmas, daquilo que eram capazes de realizar como até mesmo por inseri-las na vida pública.<sup>52</sup>

Percebemos que há uma conexão entre as homenageadas que são declaradas como filantropas com a organização feminina “Sociedade Damas da Caridade”. Essa sociedade possui grande importância social, sobretudo, entre as mulheres da elite cujos maridos eram membros de destaque da sociedade londrinense. Desse modo, as esposas organizavam-se em

---

<sup>49</sup> \_\_\_\_\_, *Tecendo por trás dos panos*, p. 117-8.

<sup>50</sup> CASTRO, Rosimeire Angelini. A. *Ecos da memória: uma contribuição à história da vida cotidiana de mulheres no Paraná (1930/1975)*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003, p. 333.

<sup>51</sup> FREIRE, *Mulheres, mães e médicos*, p. 67.

<sup>52</sup> CASTRO. *Ecos da memória*, p. 240-277.



prol de dadas instituições a fim de ajudá-las, principalmente, creches, asilos e hospitais, como podemos perceber em algumas biografias:

Em 1949, a família transferiu-se para Porecatu – PR, chamada pelo Eldorado do Norte do Paraná. Ali estabelecidos, Adelina, companheira inseparável de seu esposo, ajuda-o na execução dos negócios e, como “Dama de Caridade”, presta seus serviços à Igreja e à Comunidade, com muita dedicação à caridade. Em 1966, acompanhando o marido e filhos, chega a Londrina, prestando aqui, com a mesma devoção seus trabalhos filantrópicos no Instituto do Câncer Lucila Balalai. Durante vários anos realizou um trabalho espiritual junto aos doentes levando-lhes, também alimento material para suprir-lhe as necessidades, pois todos os que ela atendia eram pessoas de pouco ou nenhum recurso, com o mesmo amor estendeu seus préstimos aos indivíduos do Albergue Noturno: reformava roupas, costurava cobertores, servia sopa, comprava e distribuía pão para os miseráveis que ali estavam<sup>53</sup>.

Como vimos a filantropia esteve incorporada na vida dessas mulheres e/ou nos discursos sobre elas. Por meio das ações filantrópicas elas se engajavam e rompiam o espaço do privado inserindo-se tenazmente no público, dirigindo associações, manejando dinheiro, promovendo ações. Ser “dama de caridade” proporcionava também prestígio social, é por isso que consta enfaticamente nas biografias.

\*\*\*

Foi tomando *gênero* enquanto uma categoria analítica, que nos foi possível perceber as relações de poder entre homens e mulheres, assim como as identidades masculinas e femininas são construções sociais e culturais que impõe aos sexos formas de conduta e prática; que organizamos nossa análise.

O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado<sup>54</sup>.

Baseados nessa categoria analítica, destacamos que os discursos presentes nos textos biográficos são eivados de relações de gênero assimétricas. Textos estes que foram escritos

---

<sup>53</sup> Projeto de lei nº 381/1995 que originou a Lei Municipal nº 6.361/1995. Denomina Rua Adelina Miola Lopes.

<sup>54</sup> SOHIET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 279.

entre os anos de 1981 e 2008, e mesmo assim são repletos de afirmações que nos conduzem a entender como se pensa o papel da mulher. Em geral, os acontecimentos narrados são passados entre as décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, quando estas mulheres nasceram, casaram-se, tiveram filhos, foram educadas, migraram para Londrina. No entanto, o discurso nos textos é atual.

Algumas passagens de biografias são bastante elucidantes de como os autores (nas décadas finais do século XX e início do XXI), talvez não conscientes, construíram discursos enfatizando determinados papéis e posições considerados apropriadamente femininos.

Sendo filha obediente, sempre acompanhou seu pai e depois seu marido (João Evangelista Gonçalves), na sina de pioneiros, tendo participado do desbravamento de várias regiões do sertão brasileiro [...]<sup>55</sup>

[...] trabalhou como lavadeira, por muito tempo trabalhou nos Bares Colombo e Líder, foi zeladora do prédio Dr. Arcenio Garcia Lopes, tudo que fazia tinha muito amor para ajudar o marido no orçamento do lar e na educação dos filhos.<sup>56</sup>

Maria Lúcia Moreno, por ter que cuidar do pai e irmãos, nunca se casou, se dedicando à família, enquanto esta trabalhava no desmembramento e crescimento de Londrina<sup>57</sup>

Chegou a Londrina em 1974 tornando-se costureira autônoma, ajudando assim seu companheiro a vencer as dificuldades financeiras<sup>58</sup>

Mãe amorosa cumpriu seu papel de educadora de modo integral fazendo de seus filhos pessoas orgulhosas da mãe que tiveram<sup>59</sup>

As relações de gênero são datadas historicamente. Com isso entendemos que as mulheres, cujas vidas foram representadas em forma de texto biográfico, não foram “transgressoras” dos comportamentos e papéis considerados padrão para a época em que viveram. Desse modo, em geral as mulheres dedicavam-se às atividades do lar e do cuidado dos filhos, sendo que nas situações financeiras mais desfavorecidas, muitas trabalhavam para garantir o sustento de sua família. Podemos perceber no texto que homenageia Maria Lúcia Moreno, diz-se que ela teve que cuidar do pai e dos irmãos, tendo em vista que em momento algum de sua biografia é citada sua mãe, assim, entende-se que os homens precisavam de

---

<sup>55</sup> Projeto de Lei nº49/84 que originou a Lei Municipal nº 3.681/84. Denomina Praça Maria Thereza Vieira.

<sup>56</sup> Projeto de Lei nº523/96 que originou a Lei Municipal nº 6.892/96. Denomina Rua Ângela Munhoz Moreno Dona.

<sup>57</sup> Projeto de Lei nº447/99 que originou a Lei Municipal nº 7.993/1999. Denomina Rua Maria Lúcia Moreno.

<sup>58</sup> Projeto de Lei nº 310/02 que originou a Lei Municipal nº 8.935/2002. Denomina Rua Tereza Rampazzo Nalin

<sup>59</sup> Projeto de Lei nº 126/05 que originou a Lei Municipal nº 9.785/05. Denomina Rua Olga Biancardi Maurutto.

uma mulher para os afazeres da casa e, assim, ela abdicou de construir uma família, carreira etc, para cuidar dos seus irmãos e pai. Ou o inverso, por nunca ter se casado acabou cuidando dos parentes, pois lembramos que “a “encalhada” também precisa mostrar-se útil e generosa: cuidar dos pais idosos ou dos sobrinhos e/ou arrumar um emprego “honesto”<sup>60</sup>.

Desse modo, a reprodução desses discursos na contemporaneidade pelos seus descendentes é a ação ratificadora das relações desiguais de gênero. Nos textos biográficos de Ângela Munhoz Moreno Dona e Tereza Rampazzo Nalin percebemos que os autores dos textos entendiam que o homem tinha por função manter financeiramente sua família, afinal ao citarem as ocupações de ambas as homenageadas, eles as engrandeceram, no entanto, disseram tratar-se de “ajuda” ao marido no sustento da casa, ou seja atribuindo menor importância ao trabalho feminino. Carla Pinsky também analisou a utilização do verbo “ajudar”, mas em outro contexto. Segundo a autora a utilização de tal verbo para falar do cuidado do “pai moderno” com a criança “[...] é significativo do quão distante se está no Brasil de uma divisão sexual de trabalho igualitária no cuidado da prole”<sup>61</sup>.

Os dois demais trechos das biografias Maria Thereza Vieira e Olga Biancardi Maurutto, os autores repetem a ideia de um papel determinado para as mulheres, pois sobre a primeira homenageada, chamam-na “filha obediente” que sempre *seguiu* o pai e depois o marido. Imaginamos que Maria Thereza Vieira tenha migrado ao longo do território brasileiro com seu pai e seu marido, mas valer-se da expressão “obediente” é ratificar o comportamento imputado às mulheres no começo do século XX, no qual a elas não cabia opinião tampouco escolha sobre suas vidas. Na biografia de Olga Biancardi Maurutto é destacada sua atuação enquanto dona de casa e mãe, no entanto, atribuíram-lhe tal função como sendo o seu papel. O papel da mulher de ser mãe, não por escolha ou opção, mas por ser seu “lugar no mundo”.

Em verdade, foi nosso propósito com o presente trabalho identificar as representações elaboradas e reproduzidas acerca das mulheres e, para isso, tomamos o espaço urbano como revelador dos imaginários, valendo-nos das homenagens prestadas às mulheres por meio das nomeações de ruas. Queríamos, assim, perceber se o discurso sexista estaria

---

<sup>60</sup> PINSKY, Carla. *A era dos modelos rígidos*, p. 491.

<sup>61</sup> \_\_\_\_\_. *A era dos modelos rígidos*, p. 532.

presente nas nomeações de ruas e, dessa forma, mostrar como o pensamento normativo atribuía normas e padrões de condutas que foram reforçados nas biografias das homenageadas. Nosso objetivo não foi, precisamente, pormenorizar quem foram essas mulheres, mas sim investigar as imagens que foram construídas a respeito delas, tendo como fonte de análise as suas biografias, necessárias para as nomeações de ruas. Desse modo, procuramos mostrar o processo de construção do silêncio, do esquecimento das mulheres e o não reconhecimento, ou em menor número, de seu trabalho e seus esforços, tanto no lar como fora dele.

Contudo, os discursos elaborados e presentes nos textos biográficos são mantenedores das representações da mulher dependente e essencialmente mãe. Mesmo sobre aquelas mulheres que se destacaram em suas atuações profissionais, é preciso – no entendimento normativo – ratificar que elas foram também boas mães e esposas. Isso tudo dito nos anos finais do século XX e iniciais do século XXI.